

## **UMA NOITE NO CLUBE DA LULUZINHA: RELATO DE EXPERIENCIA SOBRE VIOLÊNCIA E GÊNERO NO OCUPA MINC/PI**

Luciana de Lima Lopes Leite

*Universidade Federal do Piauí. lufour@gmail.com*

### **Resumo**

O trabalho é um relato de experiência sobre um caso de violência de gênero presenciado na ocupação OcupaMinC/PI, no ano de 2016, na cidade de Teresina/PI, durante nossa pesquisa “Práticas Artísticas como mecanismo de resistência nas ocupações coletivas em Teresina, Piauí, entre os anos de 2014 e 2015”, desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí. A partir do diálogo com Chauí (1985), Bourdier (1995) e Butler (2003), o artigo propõe uma análise sobre um caso de violência sofrido por uma mulher Transexual, por parte de mulheres Cis. Durante a proposição *Noite das Bruxas*, realizada na ocupação, ao tentar expressar suas opiniões e vivências sobre machismo e violência, uma mulher Trans teve sua identidade questionada, sua fala impedida e anulada, sofrendo violência de gênero. No estudo, separamos gênero e sexo, que nos permite falar em diversos gêneros, tantos quantos a cultura for capaz de produzir, no qual o corpo nem sempre falará sobre identidade de gênero, comumente estabelecidos pelo pressuposto da heteronormatividade. O trabalho se mostra relevante, pois nos permite refletir sobre as complexidades que envolvem as questões de gênero em uma sociedade machista, a fim de prevenir violências.

Palavras-chaves: violência, gênero, feminismo, ocupação, Ocupa Minc/PI

### **1. Introdução**

Nesse artigo analisamos um caso de violência de gênero contra uma mulher Trans, por parte de mulheres Cis<sup>1</sup> presenciado na ocupação coletiva OcupaMinC/PI, em Teresina/PI, no ano de 2016, que nos causou profundo impacto, nos levando a refletir e desenvolver estudos mais profundos sobre o feminismo e a violência de gênero a fim de compreender as teorias e ideologias que norteiam esses conceitos.

Os movimentos feministas, entendidos por nós como diverso e plural, pautado na luta contra todas as formas de opressão exercidas sobre as que se identificam como mulheres e pela igualdade de gêneros, e suas reivindicações a favor dos direitos das mulheres data do século XIX. No período do Império (1822-1889), a luta pela emancipação feminina teve uma importante vitória com o reconhecimento do direito das mulheres a educação. Nos anos de 1980, reivindicações por maior inserção feminina na política, o fim da diferença salarial entre gêneros, as discursões sobre aborto, denúncias de casos de preconceito e assédio, contribuíram para que a violência contra a mulher passasse a ser vista não somente como um

---

<sup>1</sup> O alinhamento Cis envolve um sentimento interno de congruência entre corpo e gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. A pessoa designada “homem” ou “mulher” se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente como tal. (Kass, Hayiley. O que são pessoas Cis e Cissexismo? Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com>. Acesso:18 dez. 2016.

problema social, mas como um crime. A partir daí medidas intervencionistas foram criadas como as Delegacias Especializadas no Atendimento as Mulheres/ DEAMs e os Centros de Referência, tendo como modelo o SOS mulher sendo “um aparelhamento estratégico na rede antiviolença, dando auxílio aquelas mulheres que precisavam de atendimento psicológico, orientação social e jurídica”. (SILVEIRA, 2005 apud LIRA, 2013). Nas últimas décadas do século XX, as transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil acompanhadas da redemocratização e do desenvolvimento dos movimentos femininos e feministas impulsionaram os estudos sobre gênero no país, mas apesar dos progressos, ainda percebemos as desigualdades e hierarquias de gênero entre homens e mulheres nas esferas públicas e privadas, consequência do patriarcalismo e machismo presentes em nossa sociedade.

Ao estudarmos as ocupações observamos a participação ativa de mulheres nesses movimentos onde muitas vezes estas são maioria e protagonista, mas ainda assim sofrem “violência simbólica”, um constrangimento através do corpo (BOURDIEU, 1995), sobretudo em relação a dominação masculina que:

Está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer. A visão dominante da visão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas tais como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou dos tecidos. Mas ela se exprime igualmente bem nos objetos técnicos ou nas práticas: por exemplo na estrutura do espaço, e em particular nas divisões interiores da casa ou na oposição entre a casa e o campo (IDEM, 137).

Muitos foram os casos de machismo, visto não somente como uma estrutura de poder de homens contra mulheres, mas um sistema de poder de corpos, desejos e subjetividade (Butler, 2006), e violência contra mulheres, presenciados durante as ocupações das quais participamos como ARTEvista<sup>2</sup> e/ou pesquisadora. Aqui refletimos sobre violência entre sujeitos do mesmo gênero, partindo do entendimento que o gênero é uma "identidade tenuamente construída através do tempo" por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos (Butler, 2003), um mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, podendo, no entanto, ser também o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados (Butler, 2006).

## 2. Metodologia

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para designar ativistas políticos e culturais que usam as linguagens artísticas em suas proposições a fim de chamar atenção para suas causas.

O artigo surgiu a partir de nossa pesquisa etnográfica sobre “Práticas Artísticas como mecanismo de resistência nas ocupações coletivas em Teresina, entre os anos de 2014 e 2015”, sob a perspectiva de que não há antropologia sem pesquisa empírica, onde tudo que nos afeta os sentidos se transforma em material de análise e que consideramos não somente como dados coletados, mas como questionamentos, fontes de renovação (PEIRANO, 2014). Diante dessa perspectiva a pesquisa de campo, desenvolvida através da observação participante – utilizando diário de campo, entrevistas e registros audiovisuais – nas ocupações coletivas investigadas nos despertou para uma série de possibilidades de estudos sobre gênero, que resultaram no presente trabalho, um relato de experiência sobre violência de gênero no OcupaMinc/PI, em 2016, tendo como sujeitos uma mulher Trans e um grupo de mulheres Cisgênero que participaram da proposição denominada “Noite das Bruxas”.

### **3. Uma noite do clube da “Luluzinha” no Ocupa MinC/PI**

Em maio de 2016 a Presidente, Dilma Rousseff, sofreu um “impeachment”, sendo destituída do cargo que passou a ser ocupado pelo Vice. Dentre as primeiras medidas desse, uma incluía a extinção de alguns Ministérios, entre eles o da Cultura. A partir daí mobilizações surgiram em todo o país da qual participaram, artistas, produtores e ativistas culturais, estudantes e membros de movimentos sociais que se organizaram dando início a ocupações em todo território Nacional, nomeadas de Ocupa Minc.

Em Teresina/Piauí, a ocupação aconteceu no prédio do IPHAN- PI, órgão que representa o Ministério da Cultura no Estado, localizado na Rua Magalhães Filho, 779, centro da cidade, no dia 22 de maio de 2016, resistindo até o dia 24 de junho do mesmo ano.

Durante os dias de ocupação inúmeras atividades foram realizadas: aula públicas de História, Direito, Antropologia, etc; apresentações musicais, de dança e performances; saraus de poesia; oficinas de Artes; oficinas de empoderamento étnico e de gênero; debates a conjectura econômica, política, social e cultural no Brasil.

Em uma noite em que o debate fora organizado em torno de questões envolvendo o feminismo e a violência contra a mulher, fruto dos anseios de mulheres ocupantes que haviam sofrido assédio por homens que faziam parte da ocupação, presenciamos uma situação de violência que muito nos impactou e nos fez refletir sobre violência e gênero.

A proposição teve início com a leitura de uma oração a Deusa – entidade pagã cultuada por doutrinas de influência Celta, como a Wicca. Após a oração uma participante lamenta a pequena presença dos homens que faziam parte do movimento que, segundo ela, deveriam estar presentes para escutar as indignações e reivindicações das companheiras, levando outra a afirmar que não havia lugar

para fala de nenhum homem ali. Iniciavam-se assim as primeiras divergências ideológicas sobre feminismo entre as “bruxas”. Algumas defendiam que aquele eram um momento de [re]construção e que era importante a participação também dos homens na discussão não somente como ouvintes; outras permitiam que esses continuassem na roda em questão mas como sujeitos passivos e observadores; outras afirmavam que ali homem não tinha vez. Em meio a discursos inflamados e apaziguadores, uma mulher Trans – que chamaremos de MANA1 –, ativista de movimentos coletivos de resistência em Teresina pede a fala para relatar uma violência que tinha sofrido pouco antes de chegar a ocupação. Dois homens em cima de uma moto jogaram o veículo para cima dela, lhe direcionando também inúmeros xingamentos. Os participantes escutavam atentos. Já nos sentíamos perplexa diante de tamanha covardia. Foi quando de repente, uma das idealizadoras do encontro – que chamaremos de MANA2 – interrompeu a fala de MANA1 com a seguinte questão: “Mas ele é mulher ou homem? Porque eu realmente não entendo. Eu tenho muito amigos homossexuais mas eles são homossexuais, não são mulheres. Não consigo entender quando você diz que “eu como mulher”, você não é mulher. Eu sou mulher, eu tenho seios, eu tenho vagina, eu nasci mulher, eu me olho no espelho e vejo o meu corpo de mulher. Ele não é mulher e não pode chegar aqui querendo dizer que sabe como é a violência que a gente mulher sofre todos os dias”.

Os ânimos se acirraram. Se algum homem tentava de alguma forma falar em defesa de MANA1 escutava logo um “Calem a boca!”. Poucas foram as mulheres que se levantaram em defesa da companheira Trans. Quando MANA 1 alterou a voz tentando se defender e se reconhecer como mulher, foi acusada de machista por MANA2, que esbravejava: Vocês estão vendo? Ele é um homem e agora está partindo para cima de uma mulher, gritando com uma mulher. Isso é agressão, estousendo agredida. Será que até aqui, em um momento para mulheres os homens conseguem ter voz e nos dizer o que sentimos? Nos oprimir?

O embate durou por mais algum tempo até que a MANA1 se retirou do local e do movimento de ocupação Ocupa MinC/PI, após ter sido vítima de uma violência que muitas vezes é por nós naturalizada. A violência causada pela intolerância, por não reconhecermos no outro e na diversidade o direito de ser. Dessa forma, em se tratando de sociedade humana:

*A violência é, ao mesmo tempo, uma criação natural, mas é, também produtora de si mesma quando se transforma em traços culturais. Isso porque o homem se organiza para estabelecer uma vida comum com seu semelhante e, para tanto, ele tem que definir os limites das ações a serem praticadas pelo grupamento social a que pertence. (IDEM, 2014)*

Assim, nas relações de poder, força e violência, entendemos por discurso masculino sobre o corpo das mulheres, Cis e/ou Trans:

Um discurso que não é simplesmente produzido e proferido por *homens* e ao qual seria necessário contrapor um discurso proferido por *mulheres*, visto que este último poderia (como tem ocorrido) ser apenas uma versão dos mesmos discursos anteriores sob a ótica feminina. Ao considera-los discursos masculinos, o que queremos simplesmente notar é que se trata de um discurso que não fala só de “fora” sobre as mulheres, mas sobretudo que se trata de uma *fala* cuja condição de possibilidade é o silêncio das mulheres. (CHAUI, 1985, 43)

Consideramos que o “gênero não é só uma categoria de análise como é também uma categoria histórica (SAFFIOTI, 2002) e discursiva”. Nesse caso, se faz necessário uma separação entre gênero e sexo, onde o primeiro não é definido pelo segundo, nos permitindo falar na existência de dois sexos opostos, o masculino e o feminino, mas também em diversos gêneros, tantos quantos a cultura for capaz de produzir. Dessa maneira:

Para entender esse processo de construção da sexualidade e da identidade sexual, é necessário perceber que o corpo físico nem sempre falará sobre identidade de gênero e os sentimentos da pessoa de acordo com o pressuposto heterossexual. (FERREIRA, Guilherme Gomes; SCHERER, Giovane; AGUINSKY, Beatriz Gershenson, 2012: 167)

Na experiência relatada, a violência perpassa por processos de construção de sexualidade e identidade sexual a partir de discursos dominante entre os seres humanos, em que a compreensão e aceitação da identidade de gênero requer uma reconstrução sobre o que aprendemos e entendemos como “ser” mulher.

#### **4. Considerações finais**

As pesquisas sobre gênero no Brasil são relativamente recentes, dos anos de 1980, bem como os estudos feministas e de violência de gênero, apesar dos avanços que podemos perceber nessa área nos últimos anos, sendo um dos temas que vem despertando bastante interesse das disciplinas das Ciências Humanas.

A experiência relatada é somente um dentre as inúmeras situações de violências sofridas diariamente por mulheres Cis e Trans em nosso país, caracterizado pela dominação masculina dentro de uma sociedade predominantemente cristã e patriarcal, pautada em é um sistema social em que os homens ainda mantêm o poder e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio e controle social.

Percebemos que nas ocupações coletivas de resistência, como na ocupação Ocupa MinC/PI, onde sujeitos se unem em torno de interesses comuns, em prol de um bem

supostamente coletivo, a violência de gênero contra as mulheres, Cis e Trans, se faz presente. Essa violência são por vezes direcionadas a mulheres Trans por mulheres Cis, a partir do momento em que a transexualidade é encarada como uma transgressão aos padrões morais e da normalidade. Nesses casos as agressões contra as mulheres Trans são legitimadas através de discursos ideológicos manifestados por instituições como a família, a igreja, a escola e até mesmo coletivos e iniciativas coletivas.

É preciso refletir, analisar e compreender as complexidades que envolvem as questões de gênero em uma sociedade ainda extremamente machista para que possamos prevenir e combater a violência de gênero, assim como aprender a conviver com as diversidades, não tolerando e sim respeitando os sujeitos e suas singularidades, sejam elas étnicas, religiosas, de orientação sexual e/ou gênero.

### **Referências bibliográficas**

BARAZAL, Neusa Romero. **Sobre violência e ser humano**. Convert Internacional 15. Comoroc-Feusp/Ppgcr-Umesp/IJI – Univ. do Porto. Porto, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico". In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). *Feminismo/posmodernismo*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Défaire le Genre**. Paris, Éditions Amsterdam, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, nº 4, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985: 25-62.

FERREIRA, Guilherme Gomes; SCHERER, Giovane; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. "Não tenho preconceito, desde que fique longe": o discurso sobre gênero como construção social e a violência contra LGBT. In: **Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. 2 Ed. atual. ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012: 159 – 177.

KASS, Haley. **O que são pessoas Cis e Cissexismo**. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/> Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

LIRA, Mayara Alves Lima. **Atendimento às Mulheres em Situação de Violência no Centro de Referência Francisca Trindade, em Teresina-PI**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. V4. Nº 1. Ponta Grossa, 2013: 75-85.

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados**. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. *Labrys, Estudos Feministas*. Revista Eletrônica, n. 1-2, Jul./Dez. 2002.